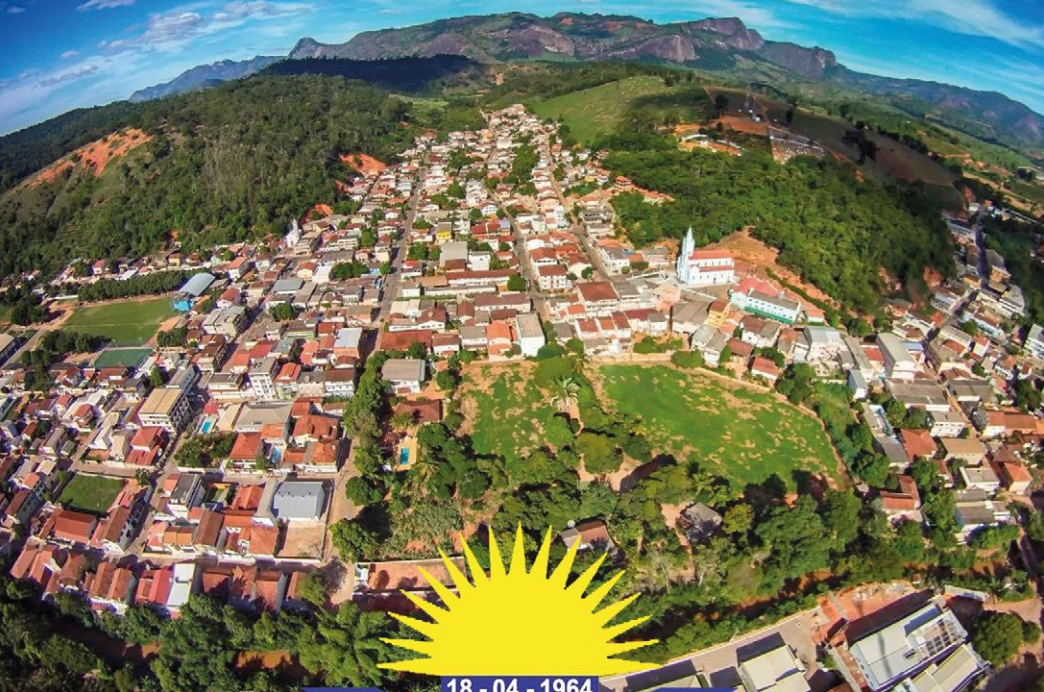


José Renato Coan



18 - 04 - 1964

Contos ao pé da figueira

E foi assim que eles se
abrigaram debaixo de
frondosa figueira...



EDITORA RECANTO DAS LETRAS

Contos ao pé da figueira

José Renato Coan

Contos ao pé da figueira

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

© José Renato Coan

Editora Recanto das Letras
editorarecantodasletras.com.br

Coordenadora editorial: Cassia Oliveira
Revisão do texto: Maciel Salles
Foto de capa: Ercílio Frizzera (Baé)
Foto de contracapa: Autor
Diagramação: Michael Douglas
1ª edição – janeiro de 2021

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Coan, José Renato
Contos ao pé da figueira / José Renato Coan. -- São Paulo:
Recanto das Letras, 2021.
108 p.

ISBN: 978-65-86751-62-8

1. Contos brasileiros I. Título

20-4525

CDD B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos brasileiros

Dedicatória

OBRA DEDICADA A TODOS os itaranenses, de todos os tempos e todas as gerações. Aqueles que com orgulho no peito cantam: “Às margens do Santa Joana, sempre alegre e hospitaleira...”. A todos aqueles que acolheram e acolhidos serão eternizados nas páginas deste livro.

Prefácio

A HISTÓRIA SEMPRE é feita por pessoas. São elas as protagonistas que fazem o tempo ter sentido e a vida ter valido a pena. São essas pessoas que edificam a nossa memória, e trazem para todos nós exemplos que são para sempre.

Nesta obra é exatamente isso que você vai encontrar. Nomes de pessoas, conhecidas ou não, mas que em dado momento fizeram a diferença. Algumas não mais se encontram por aqui, outras ainda estão pela cidade, mas todas, indiscutivelmente, deram uma parcela de contribuição para essa memória que construímos juntos.

Aqui você vai se emocionar, vai voltar ou adiantar no tempo, vai reviver e reavivar lembranças, fatos, memórias que talvez estivessem lá no fundo, guardadas com carinho, mas que na leitura desta obra certamente virão à tona.

As histórias são baseadas em fatos reais e usam apenas a linguagem poética, para eternizar esses homens e mulheres que fizeram com que a nossa Itarana (Figueira de Santa Joana), no Espírito Santo, fosse esse lugar lindo e de tantas memórias.

Sente-se aos pés da figueira, puxe o banco, ou a cadeira. Acomode-se, pegue uma xícara de café, um copo d'água, ou uma taça de vinho, e boa leitura, boas memórias, boas lembranças.

O autor

Sumário

A sanitarista dos cálculos	11
A sorte está lançada	13
A tia das guloseimas	15
A vendinha de mil utilidades	17
Alegria de se estar vivo	19
Atenção: um, dois, três... ..	21
Combatendo o bom combate	23
Da moenda ao litro	25
Dando vida à fantasia	27
Dando voz à Justiça	29
Dá-nos a bênção, ó mãe querida	31
De histórias em histórias	33
De servente a diretora	35
Dia de casório é dia de festa	37
Dia de manutenção	39
Distribuindo sorrisos e abraços	41
Do casarão à cidade	43
Do nascer ao pôr do sol	45
E aula de hoje é: operações	47
Eis o meu coração, ó minha mãe querida	49
E então, camarada, vai um peixe aí?	51
Entre as curvas de Santo Antônio	53
Entre brilhos e sorrisos	55
Entre flashes e alegrias	57

Flores para enfeitar a saudade	59
Música para alegrar a padroeira	61
Não deixe o samba morrer	63
O galo canta, nasceu Jesus... ..	65
O menino-gato	67
O padre e a ditadura	69
O pedreiro voador	71
Oh, abre alas que eu quero passar!	73
Por novos e lindos sorrisos	75
Sempre alerta	77
Sempre cabe mais um	79
Tesouras e navalhas em ação	81
Transformando sonhos em realidade	83
Um dia produtivo no serviço público	85
Um encontro inesperado	87
Um patriarca bom de baralho	89
Um promissor presidente	91
Um ser especial entre outros especiais	93
Uma grande conquista	95
Uma grande inauguração	97
Uma noite de Natal inesquecível	99
Uma pioneira na política	101
Uma vida pelos especiais	103
Uma visão de futuro	105

A sanitarista dos cálculos

MARÇO DE 1979 e a cidade estava ainda se recuperando da grande enchente que havia inundado as principais ruas nos primeiros meses de fevereiro e permanecido até no fim daquele mês. O ano mal havia começado e as enchentes já haviam castigado a cidade, elevando com isso os contaminados pelos mais variados tipos de verminoses.

Era um dia especial para a antiga Escola de Demonstração. Naquele dia, os alunos teriam um dia diferente, com atividades que não são as tradicionais de sala de aula.

Por volta das 8h da manhã ela chegou à escola, acompanhada de outros dois colegas que também trabalhavam na antiga Sucam.

Esther chegou com seus olhos azuis, jaleco branco, um tripé e alguns materiais em mãos. Era uma das integrantes da equipe que combatia a verminose na cidade, em tempos que a contaminação por esse tipo de doença era muito grande.

Além de uma excelente professora de matemática, também cuidava de disseminar a importância de hábitos de higiene, o cuidado com a transmissão de verminoses, em especial o famoso “caramujo” e a lombriga.

O jaleco branco conferia a ela uma autoridade natural para que pudesse falar com os alunos do educandário de um tema que conhecia muito bem, já que era a sua área de atuação.

Em mais ou menos uma hora de palestra, expôs as formas de contaminação, os sintomas, os perigos das doenças

transmitidas, os efeitos e as principais forma de prevenção, isso tudo sob o olhar atento de alunos e professores daquela escola. Discorreu sobre a importância de lavar as mãos, de se manter os hábitos de higiene e tudo que naquele tempo era divulgado nesse tipo de palestra.

Era, assim, a sanitarista especializada em cálculos, dando a sua contribuição para que a comunidade fosse mais saudável e mais feliz.

Inspirado em Esther Fiorotti Fardin, nascida em 16 de fevereiro de 1941 e falecida em 26 de junho de 2016 em Itarana. Renomada professora de matemática e servidora da antiga Sucam.

A sorte está lançada

18 DE JANEIRO, e era intensa a movimentação na pequena capela construída na sede de Itarana em homenagem ao antigo padroeiro, São Sebastião, cuja festa oficial é celebrada pelos católicos no dia 20 de janeiro.

Desde o dia 10 de janeiro a rotina da igreja havia mudado e também de uma moradora da cidade, Olga de Oliveira, ou Dona Olga, como a conheciam, famosa por ser uma excelente bordadeira e também por ser uma das mais animadas nas festividades alusivas aos santos.

No centro do pátio da igreja, uma barraca feita manualmente mantinha a tradição dos leilões que aconteciam sempre depois das celebrações oficiais. No meio da barraca, uma enorme mesa guardava pudins, bolos, doces, frangos assados, litros de vinho e também pequenos animais.

Terminada a celebração e já estava chegando Olga ao pátio da igreja depois de um dia inteiro em meio às crianças, já que era monitora de trabalhos manuais com destaque para os bordados, do projeto *Criança Cidadã*, que cuidava de crianças e adolescentes. E lá ela se colocava junto à bancada que separava os vendedores dos compradores dos leilões.

O gritador do leilão anunciou:

— Nessa corrida, um frango assado, um litro de vinho e um pão.

Os olhos de Olga brilharam e logo ela arrematou uma fila inteira de bilhetes numa roleta que ia de 1 a 30.

A roleta girou fazendo o barulho característico e foi diminuindo a velocidade, até que parou.

Anunciou o festeiro de dentro da barraca:

– Deu o número 19!

Olga conferiu, e um ar de decepção tomou conta do seu rosto. Não tinha entre seus bilhetes o número sorteado.

Nova rodada foi anunciada e mais uma vez uma fila de bilhetes foi comprada por Olga, e assim, a cada rodada que era realizada, ia ela adquirindo seus bilhetes. Já acostumados com o espírito festeiro de Olga, tão logo nova rodada se iniciava, já traziam os bilhetes que ela queria escolher. Tudo uma questão de sorte.

A cada rodada, a mistura dos sentimentos. Em algumas, a decepção de não ter o número sorteado, em outras a euforia e a alegria que se estampava no rosto de Olga quando percebia que entre os números que estavam em suas mãos havia o sorteado.

Passava de 22h, e lá ia ela toda feliz. Nos braços, as prendas que conseguira ganhar na noite de leilões. No coração a felicidade de quem vivia de bem com a vida.

Inspirado em Olga de Oliveira Galazzi, nascida em Itaguaçu em 17 de dezembro de 1930 e falecida em Itarana no dia 15 de junho de 2000. Uma das maiores festeiras de leilão que a cidade teve, além de bordadeira e monitora no projeto *Criança Cidadã*.

A tia das guloseimas

HAVIA POUCO TEMPO que Lisca havia vindo de Itaguaçu para morar em Itarana com suas três filhas, depois de ter ficado viúva e passado a ter a responsabilidade de criar sozinha as meninas.

Logo que chegou à cidade, assumiu uma das vagas de merendeira do Jardim de Infância da Sede Municipal, que havia sido deixada por outra servidora que se mudou para Vitória.

Quase que instantaneamente, a Lisca Fehelberg Buss, de Itaguaçu, passou a ser a Tia Lisca, como era carinhosamente chamada pelas crianças.

Trouxe com ela a tradição herdada dos pais pomeranos e ali na escola usava as técnicas que havia aprendido ao longo da vida.

Da cozinha do educandário, um cheiro peculiar e muito conhecido das crianças exalava e já anunciava que aquele seria o dia de bolinho frito, uma das merendas mais pedidas pelos menores.

Na cozinha, Tia Lisca amassava com cuidado a bola de massa enquanto outra companheira cortava e enrolava e outra fritava os bolinhos no tacho em cima do fogão. O cheiro tomava conta do ambiente e aguçava ainda mais a fome dos pequenos que eram atendidos pela instituição.

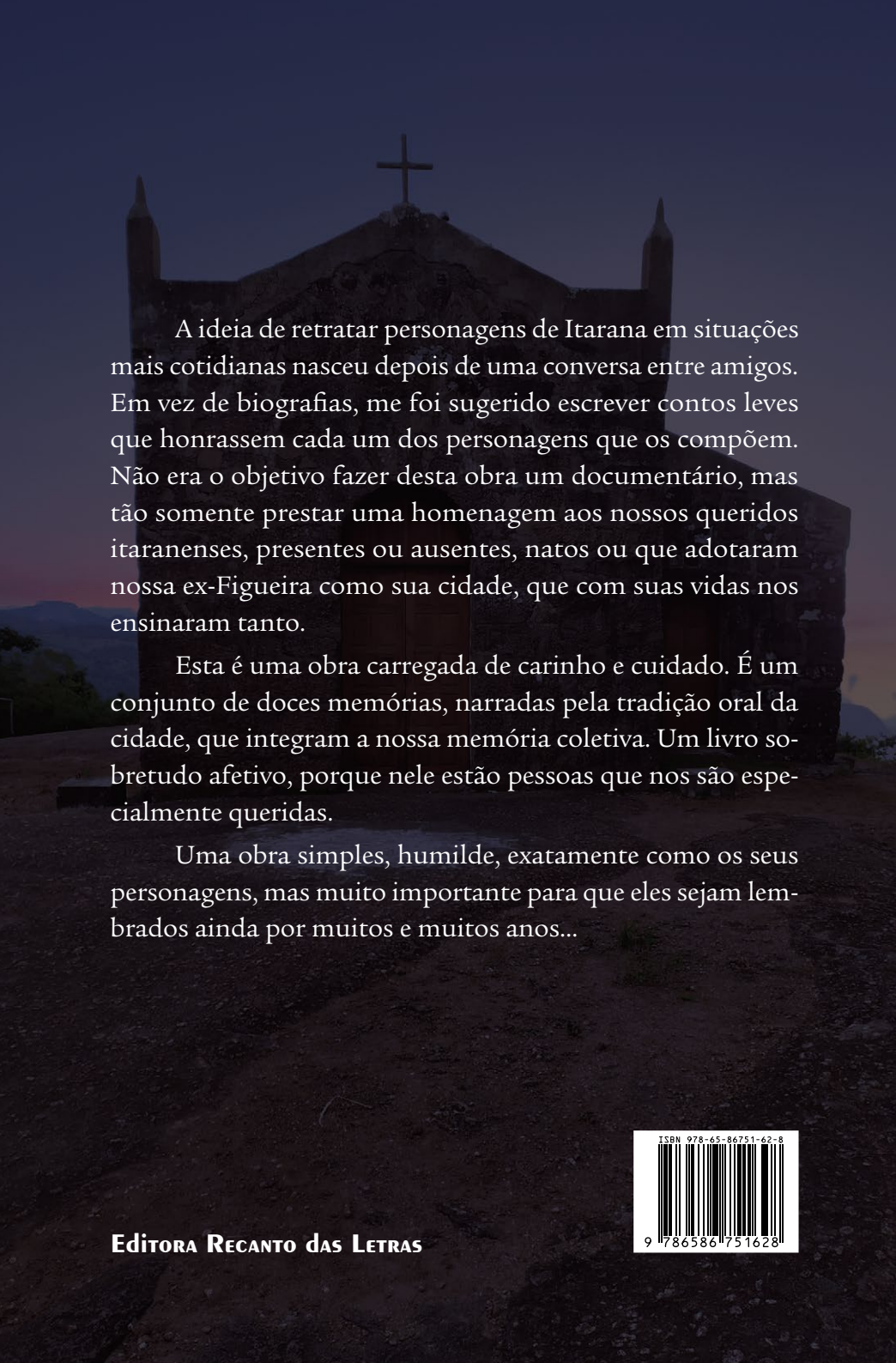
Às 9h30, a sirene fazendo alarido e de lá da cozinha surgiu Tia Lisca, um avental amarrado na cintura, um lenço no cabelo e o sorriso que sempre trazia consigo.

Nas mãos, uma grande bacia de alumínio cheia daquelas guloseimas que tornavam a vida no jardim de infância muito mais gostosa e atraente.

Gritos de alegria e euforia agora eram ouvidos com frequência, já que mais uma vez aqueles gostosos bolinhos estavam no cardápio do dia.

E assim vinha Tia Lisca, de mãos hábeis, fazendo a alegria de meninos e meninas que se deliciavam com os bolinhos fritos com gosto de infância, enquanto lá fora o tempo nublado anunciava chuva para mais tarde.

Inspirado em Lisca Fehelberg Buss, nascida em Itaguaçu em 8 de abril de 1938 e falecida em 23 de abril de 2018 em Colatina, servente do Jardim de Infância da Sede Municipal.



A ideia de retratar personagens de Itarana em situações mais cotidianas nasceu depois de uma conversa entre amigos. Em vez de biografias, me foi sugerido escrever contos leves que honrassem cada um dos personagens que os compõem. Não era o objetivo fazer desta obra um documentário, mas tão somente prestar uma homenagem aos nossos queridos itaranenses, presentes ou ausentes, natos ou que adotaram nossa ex-Figueira como sua cidade, que com suas vidas nos ensinaram tanto.

Esta é uma obra carregada de carinho e cuidado. É um conjunto de doces memórias, narradas pela tradição oral da cidade, que integram a nossa memória coletiva. Um livro sobretudo afetivo, porque nele estão pessoas que nos são especialmente queridas.

Uma obra simples, humilde, exatamente como os seus personagens, mas muito importante para que eles sejam lembrados ainda por muitos e muitos anos...

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

